



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

QUINCAS BORBA E A RETRATAÇÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM RUBIÃO

Tatiane Peres Zawaski¹
Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa²

RESUMO: Uma vida marcada pelo consumismo e pela busca de reconhecimento social, assim fora a trajetória de Rubião, protagonista de Quincas Borba, de Machado de Assis. O romance, em estudo, retrata a vida de um professor que, ao receber uma herança, se vê iludido e torna-se presa fácil em uma sociedade capitalista em que o “ter” é mais importante que o “ser”. A partir desta premissa, analisaremos, por meio de um estudo bibliográfico, as conseqüências advindas desde o recebimento desta herança até a decadência do personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Decadência – Interesse – Sociedade

ABSTRACT: A life marked by consumerism and the quest for social recognition, so off the path of Rubião, protagonist of Quincas Borba, Machado de Assis. The novel, study, portrays the life of a teacher who, upon receiving an inheritance, finds himself deceived and becomes easy prey in a capitalist society in which "having" is more important than "being". From this premise, we will analyze, through a literature study, the consequences arising from the receipt of this heritage to the decadence of the character.

KEYWORDS: Decadence - Interest - Society

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Denunciar as mazelas da sociedade, de forma que os leitores pudessem refletir sobre elas, certamente fora o desejo de muitos autores da Literatura Brasileira, dentre eles, Machado

¹ Acadêmica do curso de Letras do Centro Universitário La Salle- Canoas/RS; Orientadora Educacional e Psicopedagoga.

² Doutora e mestre em literatura brasileira pela UFRGS, licenciada em Letras pela PUC-RS. Coordenadora do curso de Letras, professora das disciplinas de Literatura Brasileira e orientadora deste artigo.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

de Assis. Variados temas foram abordados em sua vasta obra, contudo, presenciemos, de forma muito abrangente, a problemática em torno da escravidão em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*, assim como a crítica à política, em *Esaú e Jacó* e *Dom Casmurro* e o humanismo, em *Quincas Borba*. Segundo Massaud (2006), Machado de Assis analisava o interior de seus personagens, assim como, também, o homem diante da sociedade.

Em *Quincas Borba*, Machado de Assis faz profundas reflexões no que tange ao homem na sociedade, assim como o homem diante de si. No conto, *O Espelho*, também encontramos reflexões entre o ser X parecer, tema bastante abordado pelo autor, já que seu desejo era a formação de um leitor crítico.

Como ambas narrativas retratam as questões sociais evidenciadas através de seus protagonistas, a partir de uma pesquisa bibliográfica, analisaremos o personagem Rubião, do livro *Quincas Borba*, sob a premissa de que a aparência, na obra, é um fator mais importante que a própria essência, este artigo levará o leitor a analisar as atitudes deste personagem em uma sociedade em que a busca pelo prestígio social é muito presente já que a lei do mais forte sempre prevalece.

2 MACHADO DE ASSIS: VIDA E OBRA

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1839. Filho de um operário mestiço a negro e de uma lavadeira portuguesa, teve uma vida marcada por lutas e perdas desde cedo (MASSAUD, 2006).

Machado vivenciou o falecimento da mãe na infância, e foi criado por sua madrasta, também mulata. Desde cedo sonhava ser escritor, contudo, poucos são os relatos sobre sua infância e juventude. O autor teve uma vida marcada pela saúde frágil, sendo ele epilético e sofrendo de gagueira. De acordo com Bosi (2006), teve que trabalhar muito cedo para se sustentar, uma vez que com o falecimento do pai fora criado pela madrasta e teve que ajudá-la no sustento da casa.

Devido ao trabalho, foi impossibilitado de frequentar os cursos regulares, porém, sua vontade de aprender era tão grande que, por meio da boa vontade de algumas pessoas, teve acesso ao aprendizado. O primeiro trabalho literário foi publicado aos dezesseis anos, o poema “Ela”, no ano de 1855.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Já, aos dezessete anos, o autodidata Machado de Assis começa a trabalhar como tipógrafo e se dedica, no tempo livre, a escrever seus textos. Em 1958 trabalha como revisor em uma livraria. A partir de então o autor começou a construção de seu círculo de amigos, dentre eles, José de Alencar, Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo.

Segundo Massaud (2012), no ano de 1869 Machado de Assis iniciou a fase madura de sua carreira. Casou-se com Carolina Xavier de Novaes, sendo que, nesta época, já dispunha de um cargo público e uma vida confortável. Com um casamento feliz, porém sem filhos, Machado de Assis perde sua esposa no ano de 1904. O sentimento da perda de sua amada esposa fora tanto que o autor escreveu o soneto *Carolina*, dedicando à falecida. De acordo com Massaud (2012), após a morte da esposa Machado de Assis principiou sua morte, contudo, foi a literatura que amenizou a solidão irremediável.

A publicação de sua vasta obra se espalhou. Recorrendo a Massaud (2012), constatamos que a temática dos livros é marcada pela mudança de opinião do narrador ao longo da história, a retratação da mulher como uma figura dissimulada, assim como pela crítica à natureza humana.

A primeira fase do autor, conhecida como a fase romântica, temos a publicação de *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaia Garcia* (1878). A partir da publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) é inaugurada uma nova fase, a qual é baseada na análise da alma humana. São obras desta fase: *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), seu último romance. Além dos romances o autor publicou contos e poemas.

Fundador da Academia Brasileira de Letras, inaugurou a cadeira número 23, a qual homenageou seu grande amigo José de Alencar, para ser patrono. Machado de Assis faleceu no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908, entretanto, sua vida ficará eternizada em suas obras, bem como nas adaptações de seus textos para o cinema e a televisão.

QUINCAS BORBA: ALGUMAS MARCAS DO ROMANCE MACHADIANO

Quincas Borba narra a história de um professor mineiro, Rubião, amigo e enfermeiro de Quincas Borba, personagem que destina sua herança ao protagonista, tendo sob condição os cuidados ao seu cão, também chamado de Quincas Borba. Rubião até então era um homem



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

simples, morador de uma cidade do interior com uma vida provinciana, contudo, após a morte do amigo, deslumbrado com as novas condições, o protagonista da obra troca a vida pacata pela agitação da corte, sendo que a partir daí sua rotina toma outros rumos, como narrado no livro:

Sentia cócegas de ficar, de brilhar onde escurecia, de quebrar a castanha na boca aos que antes faziam pouco caso dele, e principalmente dos que riam da amizade de Quincas Borba. Mas, logo depois, vinha a imagem do Rio de Janeiro, que ele conhecia, com seus feitiços, movimento, teatro em toda a parte, moças bonitas, “vestidas à francesa”. Resolveu que era melhor, podia subir muitas e muitas vezes à cidade natal. (ASSIS, 2014, p. 68)

Acompanhado pelo cão, durante a viagem, Rubião conhece o casal Sofia e Palha, os quais de imediato reconhecem estar diante de uma pessoa detentora de bens, mas dotado de ingenuidade. Atraído pela amabilidade do casal e desconhecendo o caráter, o oportunismo e o interesse das pessoas da corte, Rubião se encanta com a beleza da esposa de Palha, tornando-se novo amigo da família, e desenvolvendo uma paixão pela esposa do novo amigo, como narrado abaixo:

“Meu Deus! Como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo!”, pensava Rubião, à noite, ao canto de uma janela, de costas para fora, olhando para Sofia, que olhava para ele. (ASSIS, 2014, p. 90)

Assim que chegam ao Rio de Janeiro Rubião deixa que Palha administre seus bens. Além dele, outras pessoas que conhecera começam a usufruir de seu capital, aproximando-se dele apenas por interesse. Ele se torna presa fácil em uma sociedade capitalista que se reduz ao luxo, aos títulos honoríficos e às habitações luxuosas, experienciando que o valor das pessoas não estava em seu caráter, mas sim na sua exterioridade.

Mesmo Palha sabendo que Rubião desenvolvia um amor pela sua esposa a busca pelo poder e pelo dinheiro vão além, já que aproveita dos encantos dela para adquirir empréstimos e traça diversos planos de enriquecimento. Rubião começa a gastar seu dinheiro com presentes caros para a mulher do amigo, esta, por sua vez, acaba aceitando-os, tornando-se ainda mais vaidosa e atraente aos olhos do protagonista como narrado pelo autor:



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Rubião não tornou à casa sem comprar um magnífico brilhante, que, na quarta-feira, enviou a Sofia, acompanhado de um bilhete de visita e duas palavras de felicitações. (ASSIS, 2014, p. 197)

Com a herança diminuindo e Palha cada vez com um maior progresso financeiro, este opta parar de cuidar dos bens do amigo e desmancha a sociedade. Após diversos tipos de exploração, assim como empréstimos e investimentos comerciais falidos, como descritos nesta passagem: “*Rubião fez dois empréstimos e o negócio.*” (ASSIS, 2014, p. 191). Também a suspeita de que Sofia era uma mulher adúltera fez com que Rubião ingressasse em uma nova fase com a doença e o afastamento das pessoas, já que nada mais tinha a oferecer.

A falência do personagem chega junto com a loucura. Rubião é instalado em uma propriedade humilde, no interior, já que é só o que pode manter. Com o passar dos dias a loucura era mais evidente, ele sofria com os deboches de todos, até que fora internado e seu único empregado é quem cuida de Quincas Borba, o cão.

Rubião, na rua, voltou a cabeça para todos os lados, a realidade apossava-se dele e o delírio esvaía-se. Andava, estacava diante de uma loja, atravessava a rua, detinha um conhecido, pedia-lhe notícias e opiniões; esforço inconsciente para sacudir de si a personalidade emprestada.

[...]

Espalhou-se a nova mania de Rubião. Alguns, não o encontrando nas horas do delírio, faziam experiências, a ver se era verdadeiro o boato; encaminhavam a conversação para os negócios de França e do imperador. Rubião resvalava ao abismo, e convencia-os. (ASSIS, 2014, p. 248-249)

O cão, muito abalado, sentia falta do amigo. Mesmo nos momentos de loucura, percebemos que em seus delírios a riqueza ainda estava presente já que ele se dizia Imperador. Ao final da narrativa Rubião foge do hospício e reencontra seu fiel amigo, o cão Quincas Borba com quem retorna a Barbacena. Após a chuva o personagem adoece e vem a falecer, o cão, inconformado, sai em busca do dono e acaba por morrer também.

“AO VENCEDOR, AS BATATAS!”: UMA ANÁLISE DE RUBIÃO

Rubião, mineiro de Barbacena, era o único amigo de Quincas Borba, já que abandonara a profissão para se dedicar aos cuidados do amigo enfermo. O protagonista da obra desconhecia os valores materiais e sociais das coisas, como bem destaca Martiny e



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Cantarela (2010). Por sua dedicação e amizade, Quincas Borba, o filósofo, resolve deixar para o amigo toda sua herança, dentre as propriedades, também estavam os escravos e apólices bancárias como narrado na obra:

[...] casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e outras instituições, joias, dinheiro amoadado, livros, tudo finalmente passava às mãos de Rubião, sem desvios, sem deixar a nenhuma pessoa, nem esmolos, nem dívidas. (ASSIS, 2014, p. 67)

No testamento havia uma condição, a de zelar pelo cão, o qual também tinha o nome de Quincas Borba, já que, segundo o narrador, era para que na morte se fizesse lembrar (ASSIS, 2014, p.55), já que, de acordo com Martiny e Cantarela (2010) este fora seu único fiel amigo até a chegada de Rubião.

Segundo estes autores, o que Rubião desconhecia era que, além dos bens, ele também herdaria algo muito maior, o desafio de se tornar capitalista e o enfrentamento de todas as consequências que esta vida nova lhe traria (MARTINY E CANTARELA, 2010, p. 1). Recorrendo a Oliveira (2013) constatamos que o modo de vida do protagonista fora radicalmente modificado, uma vez que ele deixa seu cotidiano pacato e vai viver na capital do Império, passando a frequentar festas e recepções dos grandes salões da alta sociedade.

Rubião fitava a enseada, — eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade. (ASSIS, 2014, p. 51)

Segundo Oliveira (2013), o narrador não deixa dúvidas quanto às mudanças que o dinheiro é capaz de operar na vida das pessoas, neste caso, na de Rubião. Na citação acima, além das mudanças também presenciemos uma reflexão sobre as transformações ocorridas com o personagem na passagem de uma condição para a outra. Para o autor:

Enquanto examina seu “novo mundo”, Rubião não deixa de refletir, com a satisfação constrangida da vitória sem mérito, sobre o “acaso” que, muitas vezes, decide o destino dos homens, dando a uns a fortuna, a outros a



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

desgraça. Recorda com certo desconforto que poderia estar vivendo noutra situação (provavelmente, ainda mestre-escola em Barbacena), no caso tivesse realizado o casamento de sua irmã Piedade com Quincas Borba, como pretendia. (OLIVEIRA, 2013, p. 69)

Quincas Borba, no decorrer da narrativa, expõe muitos exemplos do funcionamento de uma sociedade movida pelo lucro. Contudo, de acordo com Martiny e Cantarella (2010), a ignorância do protagonista não permitiu que entendesse como o sistema funcionava, acarretando, assim, em sua decadência posterior.

Recorrendo a Oliveira (2013), constatamos que, segundo este autor, viver em uma sociedade capitalista é o mesmo que estarmos participando em um campo de batalha, lutando pela sobrevivência. Para o autor, nesta luta os fortes alcançam a vitória, já os fracos são derrotados. Rubião, em sua reflexão, se coloca no lugar dos fortes, porém, o que presenciamos na narrativa é que o protagonista é fraco, como bem ressaltava Quincas Borba, um “ignaro” (ASSIS, 2014, p. 63.), que desconhecia este jogo da sobrevivência.

A viagem de Rubião é o principal fator que desencadeia o desfecho do romance. Ao encontrar o casal Cristiano Palha e Sofia e, após a conversa dos três, Rubião já começa a experienciar a vida em um mundo voltado ao lucro e ao desejo de “ter” (MARTINY e CANTARELA, 2010, p. 4). Palha, desde a descoberta do testamento, mostra-se muito disponível, estreita as relações e fica sempre ao lado de seu “amigo”, apresentando-lhe mais pessoas da sociedade, estas, mais tarde, também começam a se aproveitar da ingenuidade do protagonista, como demonstramos nesta passagem:

Palha festejou o acontecimento com um jantar em que tomaram parte, além dos três, o advogado, o procurador e o escrivão.

[...]

Seguiu-se a mudança para a casa de Botafogo, uma das herdadas; foi preciso alfaiá-la, e ainda aqui o amigo Palha prestou grandes serviços ao Rubião, guiando-o com gosto, com a notícia acompanhando-o às lojas e leilões. (ASSIS, 2014, p. 77-78)

Para Prata (2009), apesar da riqueza monetária, Rubião continuava com o pensamento de professor, desconhecendo a lei do mais forte e prevalecendo nele a visão limitada de uma sociedade pequena em um mundo não capitalista. Almejava a riqueza, contudo, a ingenuidade prevalecia em si.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Ideou as batatas em suas várias formas, classificou-as pelo sabor, pelo aspecto, pelo poder nutritivo, fartou-se antemão do banquete da vida. Era tempo de acabar com as raízes pobres e secas, que apenas enganavam o estômago, triste comida de longos anos; agora o farto, o sólido, o perpétuo, comer até morrer, e morrer em colchas de seda, que é melhor que trapos. (ASSIS, 2014, p.71)

De acordo com Oliveira (2013), com o passar do tempo Rubião já se tornara pessoa conhecida. Recebia vários indivíduos em sua casa, de tal forma que para estes tornavam desnecessária a presença dele, uma vez que faziam refeições e utilizavam suas coisas na sua ausência. Segundo o autor, ele não tinha mais controle de sua própria casa, aqui, percebemos sua ignorância e complacência. Mesmo desconhecendo, Rubião já estava vivendo em uma sociedade do consumo (BAUMAN, 2005, p. 76).

O desejo de comer mais batatas e a ânsia em acumular o maior número de bens, com vistas a fazer cada vez mais parte daquele meio e até em conquistar Sofia lhe proporcionaram uma cegueira, sendo que os negócios que ele fazia apenas lhe desfavorecia. A fortuna que por alguns momentos considerava sem fim fora sendo gasta em negócios sem rentabilidade. Para Oliveira:

A vida de Rubião depois que se torna capitalista nos permite compreender como se constituem as relações sociais do segundo Império, durante o qual os interesses pessoais sobrepujam-se a todos os valores e princípios, sendo constante o sistema de exploração em que os próprios indivíduos enxergam na figura do outro a possibilidade de obter vantagens financeiras. (OLIVEIRA, 2013, p. 74)

Rubião, graças a sua ingenuidade, não percebera que Palha, a quem depositara toda sua confiança, estava apenas o usando, era um interesseiro que visava apenas adquirir bens com pouco trabalho e às custas dos outros, era consumido em uma sociedade do consumo, que, para Bauman:

Somos consumidores numa sociedade de consumidores. A sociedade de consumidores é uma sociedade de mercado. Todos nos encontramos totalmente dentro dele, e ora somos consumidores, ora mercadorias. Não admira que o uso/consumo de relacionamentos se aproxime, e com rapidez. (BAUMAN, 2005, p.151)



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Segundo Silva (2008), além do dinheiro de Quincas Borba e do cão, Rubião também recebe a loucura como herança. Para o autor esta loucura era semelhante a das fantasias vendidas pela sociedade burguesa.

Recorrendo a Araújo (2008), constatamos que a herança podia ser denominada como “herança maldita” (ARAÚJO, 2008, p. 167), uma vez que o cão herdado também representava a garantia da continuidade de Quincas Borba, sua filosofia e suas alucinações. Quando os amigos de Rubião perceberam a degradação de sua saúde mental, que se agravava, questionavam o casal Palha a fim de lhes prestar ajuda, afinal, eram amigos. Aqui podemos constatar o ponto crucial da hipocrisia de uma sociedade capitalista, seguida do egoísmo e da certeza de que Rubião não passara de um objeto para conseguir maior rentabilidade.

Era rico, — mas gastador. Conhecemo-lo quando veio de Minas, e fomos, por assim dizer, o seu guia no Rio de Janeiro, aonde não voltara desde longos anos. Bom homem. Sempre com luxo, lembra-se? Mas não há riqueza inesgotável, quando se entra pelo capital; foi o que ele fez. Hoje creio que tenha pouco... (ASSIS, 2014, p. 251)

Palha isenta-se da responsabilidade da decadência do “amigo”, atribui a desgraça aos devaneios e a vida luxuosa, contudo, ele e a esposa foram os principais responsáveis pela miséria de Rubião. Os delírios do protagonista aumentavam de forma que lhe restara apenas a internação. Esses delírios, segundo Freud (APUD Bauman, 2007), tinham em decorrência a busca pela lógica dos fatos, já que o sofrimento humano provém da fragilidade de nossos corpos e das inadequações humanas (BAUMAN, 2007, p. 61).

Como constatamos na narrativa, apenas o cão sentia sua falta já que demonstrava tristeza e a verdadeira amizade em uma sociedade em que o “ter” se sobrepunha ao “ser”, como narrado abaixo:

Quincas Borba apareceu. Magro, abatido, parou à porta da sala, entrando as duas senhoras, mas sem latir; mal erguia os olhos apagados.
[...]
Já não chora; a princípio chorava muito. (ASSIS, 2014, p. 289-290)

Rubião volta a sua cidade junto com o amigo cão. Fica sem as batatas e sem qualquer resquício de riqueza (Martiny e Cantarela, 2010). Antes da morte, ironicamente repete por inúmeras vezes o aforismo “Ao vencedor, as batatas!”. Na trajetória de Rubião podemos



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

conhecer um pouco da sociedade brasileira daquela época. Segundo Oliveira (2013), Machado de Assis quis desnudar a hipocrisia da sociedade que ele tão bem conhecia, Rubião não representou apenas uma pessoa, mas sim toda a nação brasileira.

QUINCAS BORBA X O CONTO “O ESPELHO”: BREVE COMPARAÇÃO QUANTO À TEMÁTICA

Comparando o protagonista Rubião, de *Quincas Borba* e Jacobina, de *O Espelho*, ambos do autor Machado de Assis, observamos que os personagens tiveram significativas mudanças em suas vidas no que se refere ao capitalismo da sociedade da época. Rubião, como já mencionado neste estudo, tivera significativas mudanças após receber a herança do amigo Quincas Borba, já, Jacobina, teve sua vida mudada após ser nomeado alferes da Guarda Nacional.

No conto observamos que a farda utilizada por Jacobina era motivo de exaltação já que este se achava superior as outras pessoas, como destacado na narrativa “*Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse a outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.*” (ASSIS, 1994, p.3). Em *Quincas Borba*, Rubião, após herdar os bens de Quincas Borba, se vê deslumbrado com o Rio de Janeiro e com todos os benefícios que o dinheiro podia lhe trazer, assim, requer esta nova vida, como consta no livro [...] *estou cansado da província; quero gozar a vida. Pode ser até que eu vá à Europa, mas não sei ainda.* (ASSIS, 2014, p. 74).

Como observamos, em ambas as passagens, os personagens constroem imagens que destoam de sua alma, fator comum em uma sociedade capitalista, como bem destaca Martiny e Cantarela “*O dinheiro é a chave e o Deus desse mundo, dinheiro que se mede todas as coisas e avalia todos os homens.*” (MARTINY E CANTARELA, 2010, p.4). Os personagens, envaidecidos pela política da sociedade que os rodeia, esquecem-se de seus valores e atentam para a sociedade do “ter” já que ambos queriam ter prestígio. Recorrendo a Vara (1976), constatamos que a contradição interna, vivida pelos personagens, era um fator comum da realidade social da época.

Outro fator comum entre os personagens, em ambos os textos, fora a solidão. Jacobina em uma manhã se vê sozinho e como descreve o narrador, o personagem não tinha medo da



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

solidão, mas a sensação era inexplicável. De acordo com o texto, o sono era capaz de aliviar-se, pois ele podia se reencontrar. Já, Rubião, após ser abandonado por todos, uma vez que estava falido, teve na solidão o encontro com sua loucura. A solidão, de acordo com Bauman (2007), às vezes tende a ser arriscada e assustadora. No caso dos protagonistas, de ambos os textos, ela fora assustadora, já que causou loucura e medo.

Os personagens analisados não tiveram um fim heroico ou vitorioso, mas sim, um destino em que o poder e os benefícios de uma vida capitalista fizeram mudar sua imagem diante do espelho. O prestígio social e a visão deles perante a sociedade diferenciam o seu “eu real”, criando, assim, um personagem que se distancia de sua personalidade. Segundo Oliveira (2013), Machado de Assis, em suas obras não objetivava que os personagens tivessem um fim vitorioso, sendo seu propósito mostrar ao leitor que o dinheiro não traz felicidade a ninguém, fator visível nos textos comparados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mudar a vida a fim de adequá-la aos novos moldes advindos da herança recebida, Rubião, o protagonista da obra, não sabia o alto custo que teria durante o recebimento da herança de seu grande amigo Quincas Borba. Machado de Assis, durante sua narrativa, faz críticas ao sistema político da época, assim como as atitudes das pessoas que sobrepõem o ter ao ser. O autor, ao narrar a história de Rubião possibilita ao leitor uma reflexão sobre o que realmente é valorável na vida.

Baseado nos estudos bibliográficos, constatamos que o dinheiro fora capaz de operar as mudanças na vida do protagonista, uma vez que, após o recebimento da herança, foi instalado o clímax da narrativa. Mesmo o amigo, antes da morte, já ter relatado a Rubião o funcionamento de uma sociedade capitalista, este, por sua vez, não entendera e, se entendera, o advento do ter falou mais alto, deixando de lado sua verdadeira essência.

Conforme exposto por Oliveira (2013), Rubião se viu em um campo de batalha após desfrutar os bens que só o dinheiro é capaz de proporcionar. Contudo, o que ele não sabia era que os fracos sempre eram derrotados e que para ingressar nesta guerra o conhecimento e a sabedoria eram fatores essenciais para a sobrevivência.



EDIÇÃO Nº 09 DEZEMBRO DE 2015. Artigos recebidos até 30/10/2015. Artigos aprovados até 30/11/2015

Machado de Assis, em sua obra, quis evidenciar que a ingenuidade das pessoas torna-as alvo fácil para aqueles que buscam benefícios pessoais e só pensam em si (OLIVEIRA, 2013). Neste livro analisamos um pouco da hipocrisia que ronda uma sociedade capitalista, seguida do egoísmo e da constante busca de benefícios próprios. A figura de Rubião representa toda a nação brasileira, em um mundo em que o “ter” é ainda é considerado mais importante de que o “ser”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Homero Vizeu. **Quincas Borba**: pretensão cosmopolita, detalhe popular. Revista Via Atlântica. São Paulo, n.13, dezembro de 2008.
- ASSIS, Machado. **Quincas Borba**. Porto Alegre: LP&M, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MASSAUD, Moisés. **A literatura brasileira através de textos**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MARTINY, Franciele Maria; CANTARELA, Roberta. **Ao vencedor, o Rubião** – uma visão sobre a sociedade capitalista em Quincas Borba. Revista Infância, Sociedade e Educação. Cascavel, Santa Catarina, outubro de 2010.
- OLIVEIRA, Maria Cleidiane. **Sob o signo da crise: ascensão e queda de Rubião**. Revista Machado de Assis em linha. Rio de Janeiro, V.6, n.12, p. 66-82, dezembro de 2013.
- PRATA, Amanda da Silva. **Entre Dom Quixote e Quincas Borba**. Revista Ao pé da letra. Paraíba, V.11.2, 2009.
- SILVA, Luiz Antônio. **História, sistema literário e sociedade na versão folhetinesca de Quincas Borba**. Revista Matraca. Rio de Janeiro, V.15, n.23, jul/dez de 2008.
- VARA, Teresa Pires. **A mascarada sublime**: estudo de Quincas Borba. São Paulo: Duas Cidades, 1976.